

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

AUGUSTO CÉSAR DE HOLANDA SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES NA SALA DE AULA: experiência de
estágio na escola de educação básica**

João Pessoa
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

AUGUSTO CÉSAR DE HOLANDA SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES NA SALA DE AULA: experiência de
estágio na escola de educação básica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
coordenação do Curso de Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba como requisito
parcial para obtenção do título de Pedagogo.

Orientador: Professor Doutor Licenciado em
Pedagogia Antônio Carlos Pinheiro

João Pessoa

2015

S237i Santos, Augusto César de Holanda.

A importância do ensino de Artes na sala de aula: experiência de estágio na escola de educação básica / Augusto César de Holanda Santos.– João Pessoa: UFPB, 2015.

36f. ; il.

Orientadora: Antônio Carlos Pinheiro

Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Arte - ensino. 2. Educação. 3. Cultura. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37:7(043.2)

AUGUSTO CÉSAR DE HOLANDA SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES NA SALA DE AULA: experiência de
estágio na escola de educação básica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Pedagogo.

Orientador: Dr. Antônio Carlos Pinheiro

Aprovado em: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Carlos Pinheiro
(Orientador)

Profa. Ms. Santuza Mônica de França Pereira da Fonseca
(Examinadora)

Prof. Ms. Luciano de Sousa Silva
(Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho de conclusão de curso à minha família, Eliz Patrício, Otávio Patrício e Guilherme Antônio.

AGRADECIMENTOS

À Eliz Patrício, minha querida esposa, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos e também por ter influenciado diretamente na escolha do curso de pedagogia, nas minhas escolhas como artista, pois sem ela muita coisa relacionada ao âmbito acadêmico não teriam tanto fundamento.

A Otávio Patrício, filho do coração, pelos momentos de lazer, de companhia e pela compreensão nos momentos mais difíceis que passamos e vencemos.

A Guilherme Antônio, filho caçula, simplesmente por existir em minha vida e abrilhantar de balsamo a minha existência.

Agradecimento especial ao meu pai, por ter me proporcionado experiências artísticas desde a minha infância, nas quais trago em minha arte até hoje.

Ao professor Galdino, por me proporcionar a chance de participar do estágio do PROLICEN, na Escola de Educação Básica da UFPB.

Ao professor Antônio Carlos, pelas preciosas orientações.

Aos professores Luciano, Santuza, Edilene e Roberto Rondon.

Aos profissionais da Escola de Educação Básica da UFPB.

Aos alunos e alunas da escola supracitada.

À Paulinha, Claudinha e Vanessa, grandes amigas.

À Keilly, Rita e Severo, grandes companheiros da jornada acadêmica.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo contribuir para uma análise crítica e assinalar para questões acerca do ensino de artes na sala de aula e o que é produzido durante as mesmas. Para tanto, utilizamos as contribuições de Barbosa (2007), assim como Pereira (2007), Pillar (2007), entre outros. A partir desse referencial teórico surgem diálogos acerca da importância do processo criativo para a formação do sujeito, partindo de propostas pedagógicas, da valorização da cultura de cada indivíduo e da relação entre professor e aluno num âmbito educacional. Nesse sentido, o trabalho aborda concepções sobre arte-educação como disciplina integrada no contexto curricular escolar. A partir disso, surge, portanto, a questão da construção da identidade do aluno, pautada na sua produção artística em sala de aula e nas suas concepções de mundo, suas vivências, de seu meio. Para ilustrar as questões supracitadas temos um relato de experiência na condição de estagiário na Escola de Educação Básica da UFPB, que nos mostra a importância da prática como pesquisa para a formação do professor no contexto escolar. Concluimos assim que a arte-educação contribui para a formação crítica do sujeito, assim como também contribui para a construção da identidade de cada indivíduo.

Palavras.chave: Arte-educação, processo criativo, cultura, identidade.

ABSTRACT

This course conclusion work aims of arts education in the classroom and the issues surrounding that is produced during class. For this, we use Barbosa contributions, as well as Pereira, Pillar, among others. From this arise dialogue about the importance of the creative process for the formation of the subject, from educational proposals, the appreciation of the culture of each individual and the relationship between teacher and student in an educational context. In this sense, the paper discusses how some theoretical point us his views on art education as an integrated subject in the school curriculum context. Arises, therefore, the issue of building the identity of the student, based on his artistic production in the classroom and in their world views, their experiences in their midst. To illustrate the above issues have an experience report on the trainee condition at the School of Basic Education UFPB, which shows us the importance of practice as research for teacher education in the school context. We conclude that the art education contributes to the critical formation of the subject, as well as contribute to the construction of the identity of each individual.

Keywords: Art education, creative process, culture, identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1º CAPÍTULO DIÁLOGO SOBRE O ENSINO DE ARTES NAS ESCOLAS.....	11
2º CAPÍTULO O ENSINO DE ARTES E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	19
3º CAPÍTULO EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTES.....	23
3.1. Breves Análises.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo estudo da arte-educação nos levou à seguinte problemática: o que vem sendo produzido durante as aulas de artes nas escolas? Tal questionamento surgiu logo no início da graduação do curso de pedagogia, no ano de 2011. Ao dialogarmos acerca do ensino de artes nas escolas, na maioria das vezes, refletimos sobre a importância do que é produzido em sala de aula em relação ao ensino e aprendizagem de arte na escola.

Nesse contexto qual é a relevância que a arte traz para a formação de um indivíduo cuja sua formação visual sempre foi constantemente influenciada?

Pretendemos com esse trabalho, contribuir para uma análise crítica acerca do que é relevante para uma educação significativa a partir do ensino de artes na sala de aula. Para isso, destacamos como suporte artístico o ensino de artes visuais, mais especificamente a pintura e o desenho. Para tanto buscamos juntar a teoria à prática, tendo em vista a experiência realizada *in loco*.

O presente estudo está estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo abordaremos diálogos acerca do ensino de arte e a importância do fazer artístico na sala de aula, da cultura na qual o aluno se insere, buscando apontamentos sobre o que vem sendo produzido durante as aulas. Nesse âmbito, utilizamos como referência autores que dialogam sobre experiências na arte-educação.

Assim, tais autores nos apresentam caminhos para uma prática em arte-educação relevante, que valorize aquilo que o sujeito traz para a sua produção artística na sala de aula. A respeito tivemos nesse capítulo introdutório direcionamentos para uma prática em arte educação. Ainda no referido capítulo partindo das interlocuções de Barbosa (2007) destacamos a importância da LDB para a legitimidade do ensino de artes nas escolas.

A seguir, no segundo capítulo falaremos sobre o processo de criação, tendo como eixo central questões abordadas acerca da multiculturalidade e a construção da identidade do aluno.

Para concluir, temos no capítulo 3 um relato de experiência como estagiário na educação básica, como professor de artes, durante o ano letivo na Escola de Educação Básica da UFPB, supervisionado pelo programa PROLICEN.

Durante o estágio foram realizados trabalhos com alunos das turmas do Pré II, 1º Ano, 4º e 5º anos. Durante os trabalhos realizados na escola destacamos algumas produções artísticas dos alunos, nas quais observamos questões ligadas à problemática do nosso trabalho.

A partir desse estudo, pudemos constatar que nossa compreensão acerca da importância do estudo crítico da arte na escola é de suma importância para o desenvolvimento criativo e cultural do indivíduo.

1º CAPÍTULO

DIÁLOGO SOBRE O ENSINO DE ARTES NAS ESCOLAS

Na educação através da arte surgem questões que podem contribuir para o desenvolvimento crítico e estético dos alunos. A concepção de arte nos traz diferentes interpretações, tendo em vista a arte como um momento de criação, expressão, técnica, lazer, comunicação, linguagem, dentre diversas interpretações possíveis.

Ao dialogarmos acerca da estética devemos levar em consideração o que nos aponta Ferraz e Fusari. As autoras nos afirmam que “o estético em arte diz respeito, dentre outros aspectos, à compreensão sensível cognitiva do objeto artístico inserido em um determinado tempo/espço sócio cultural” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 54). Nesse sentido, temos a diversidade devida à variedade de fatores culturais e sociais, tão responsáveis pela formação estética e artística do sujeito.

Anterior à estética pré-existe um procedimento criativo, desenvolvido para que se possa alcançar um objetivo final, fruto da criatividade. Esse processo deriva de vários contextos: cultural, social, familiar, histórico, entre outros. Dentre tais conceitos o sujeito absorve elementos que compõem uma base intelectual, crítica, ainda em formação, mas impregnadas de significados, surgindo desses procedimentos a produção de arte. Veremos mais adiante as questões acerca da educação visual, sobre ler uma imagem.

Bem, ao falarmos sobre Arte na sala de aula falamos sobre aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Sobre isso Pillar nos diz mais,

Expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido ao que, até então, se encontrava no domínio da imaginação, da percepção, é uma das funções da Arte na escola [...] A educação estética tem como lugar privilegiado o ensino de Arte, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas às crianças, tanto a partir de seu cotidiano como de obras de Arte (PILLAR, 2007, p.71-72).

Para Pillar a leitura da imagem se faz a partir da reflexão daquilo que estamos vendo. Primeiro olhamos determinado objeto ou informação. Depois de uma

apreciação mais “apurada” é que realmente atribuímos significado. Isso se vale também através da experiência de cada indivíduo. No nosso cotidiano olhamos para diversas coisas, superficialmente. Placas, mensagens em outdoors, entre outras coisas. Mas segundo a autora, olhamos sem ver. A esse respeito, a autora nos aponta que,

Nossa visão é limitada, vemos o que compreendemos e o que temos condições de compreender, o que nos é significativo. Trabalhos da área da genética mostram que o nosso cérebro consegue assimilar apenas parte das muitas informações que recebemos. Do mesmo modo, nosso olhar não é instantâneo, ele capta apenas algumas das múltiplas informações visuais presentes no nosso cotidiano e precisa de processos intelectuais complexos para ver. Na verdade, não conseguimos aprender o mundo tal como ele é, construímos mediações, filtros, sistemas simbólicos para conhecer o nosso entorno e nos conhecer (PILLAR, 2007, p. 73).

Nesse caso a autora questiona: como atribuímos significado a uma situação? Bem, se dá significado, sentido a uma situação a partir do que se ver, e das relações que estabelecemos entre nossas experiências. O contexto dado a certa informação se dá a partir das informações que o leitor possui, ou seja, a partir de seus conhecimentos prévios, de suas experiências. Fatores iniciais imprescindíveis para uma leitura contextualizada e significativa de uma imagem, aliando-se ao que é apresentado.

A leitura de uma obra de arte, por exemplo, se faz inicialmente de um breve questionamento: o que se vê? A apreciação se faz a partir dos elementos que compõem uma determinada obra, textura, figuras, perspectiva, cores e outros. A leitura de obras de arte na sala de aula aponta para uma diversidade de significados, ressaltando a relevância das experiências pessoais de cada sujeito, postas às experiências expressas de cada indivíduo. Para a autora,

É necessário começar a educar o olhar da criança desde a educação infantil, possibilitando atividades de leitura para que além do fascínio das cores, das formas, dos ritmos, ela possa compreender o modo como a gramática visual se estrutura e pensar criticamente sobre as imagens (PILLAR, 2007, p. 81).

A criança desde cedo recebe informações visuais, sejam em vídeos, livros, revistas ou até mesmo brinquedos, e passa a inventar brincadeiras, brinquedos, personagens.

Nesse sentido, a criança cria e recria, numa naturalidade interessante. O processo criativo depende muito de como a criança convive com o seu mundo, do que ela traz consigo em termos de vivências e experiências. Nesse caso é importante lembrar a questão cultural, mencionada anteriormente. Partindo do pressuposto de que vivemos num mundo de visualidades, levamos em consideração, então, a cultura onde um determinado sujeito está inserido. Esse sujeito irá produzir algo pautado em sua cultura, ou seja, de acordo com as maneiras, com as vivências nas quais se insere.

Dentro desse contexto Pereira (2007) nos aponta a obra de arte como manifestação de significados. Ora, tais significados só passariam a ser relevantes a partir do sentido, da intencionalidade inserida e resgatada de uma determinada cultura. Cultura que tem como a arte maneiras de viabilizar diversos caminhos.

De acordo com a autora supracitada, a arte proporciona ao aluno possibilidades. A partir da criação de sentidos oriundos da criatividade, o encontro de espaços propícios a uma maior compreensão daquilo que nos cerca. A autora ainda nos diz que a importância do ensino de artes nas escolas surge a partir da importância da sala de aula como espaço de criação.

Nessa perspectiva, a autora menciona os processos criativos em sala de aula como “saberes historicamente constituídos dentro de determinada cultura” (PEREIRA, 2007, p.11).

Através do estudo em sala de aula, no curso de Pedagogia, acerca do ensino de arte nas escolas durante a disciplina Ensino de Artes Visuais tivemos a oportunidade de nos debruçarmos sobre os textos do livro **Inquietações e Mudanças do Ensino da Arte**¹, e a partir da leitura abrimos diálogos sobre as práticas do ensino de artes nas escolas.

Ao falar sobre o ensino de artes visuais nas escolas, Barbosa (2007) inicia um diálogo acerca da aprendizagem da Arte nos apontando a obrigatoriedade garantida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no ensino fundamental e médio.

A LDB vem regulamentar o ensino no Brasil de forma constitucional. A referida lei entrou em vigor em 1961, passando por duas novas versões em 1971 e

¹ BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2007.

em 1996. Atualmente é a LDB 9394/96 que continua vigorando, e traz em seus respectivos artigos menções relacionadas ao ensino de arte.

Nesse sentido, a atual Lei de Diretrizes e Bases traz a importância do ensino de artes como disciplina obrigatória curricular na educação básica. A LDB no Art. 26º, inciso 2º menciona que,

§ 2º O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§ 2o O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010) (Art. 26, § 2 da Lei de Diretrizes e Bases) - Lei 9394/96.

Ainda sobre a LDB e o ensino de artes, mas agora mencionando o ensino médio, que traz no Art. 36 no parágrafo 1º,

“a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania”.

A esse respeito, Barbosa diz que “algumas escolas estão incluindo a Arte apenas numa das séries de cada um desses níveis porque a LDB não explicitou que esse ensino é obrigatório em todas as séries” (BARBOSA, 2007, p. 13). O desprezo pela linguagem visual também é abordado inicialmente pela autora, levantando a importância à arte, juntamente às outras disciplinas.

A autora destaca que,

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação (BARBOSA 2007, p. 14).

Compreendemos que no Brasil são muitas Leis e supostas garantias insuficientes para o ensino de arte como parte do currículo. No entanto, as Leis não explicitam os seus direcionamentos, e a Arte como instrumento de construção de

conhecimento passa a ser parte, dentro das escolas, de improvisações até bem intencionadas, mas não fundamentadas.

Nessa perspectiva, segundo a supracitada autora, o ensino de arte nas escolas públicas se restringe à poucas vertentes relacionadas à Arte–educação. Mas precisamente, foca-se na literatura, deixando passar a importância de outros elementos artísticos de suma relevância, como as artes visuais, tão importantes para a construção de conhecimentos. A poesia, entre outros gêneros literários têm grande importância para a formação cultural do sujeito, mas devemos levar em consideração a diversidade em relação à construção artística. Um indivíduo, nesse sentido, passaria a interpretar a partir da arte o que é relevante para a sua cultura. Acerca dessa problemática, a autora nos relata que,

Propus que a série abordasse os problemas que caracterizam as grandes mudanças no ensino da Arte nos últimos vinte anos, que em sua maioria foram mencionadas nos Parâmetros Curriculares, com os quais os professores estão se familiarizando e por meio dos quais deveriam estar, analisando, criticando, interpretando e selecionando o que é relevante para a sua cultura, seu meio, sua ideologia, assim para as crianças com quem convivem. Em vez disso, receberam um outro pacote dos PCNs mastigados intitulados Parâmetros em Ação, neles determina-se as imagens a serem lidas e até quanto tempo deve-se discutir cada uma. A escolha das imagens aprofunda a contradição interna dos PCNs, que recomendam a pluralidade, mas são instrumentos de homogeneização (BARBOSA, 2007, p. 16).

Ora, nos remete aos tempos cuja arte era restrita a poucos, assim como outras ciências acerca de um saber mais crítico do mundo. Mas, “colocando os dois pés no chão”, subtende-se o papel da arte em nossa cultura como apenas reprodutora de uma cultura dominante, reprodutora de ideais arcaicos e de autoritarismo. O compromisso com a diversidade cultural; o entendimento de diferentes culturas e suas importâncias para o desenvolvimento cultural de cada indivíduo.

No entanto, o que observamos, na maioria das escolas, é a compreensão do ensino de artes voltado para ornamentação, festas típicas e regionais, além do uso de arte como um “calmante” para crianças e jovens.

A esse respeito, Tourinho (2007) nos afirma que “o divertimento, a sensibilidade, a participação em festas e rituais, o relaxamento e outros desejos e

necessidades do dia-a-dia são parte do mundo daqueles que trabalham no mundo da Arte”.

Nesse sentido, acreditamos no ensino de artes fundamentado, contextualizado. A autora fala que assistimos à despolitização do ensino de artes, à desculturalização, ou melhor, “à ausência de conhecimento teórico e prático da educação e da arte e de sua função pedagógica na escola”.

Vejamos o que nos diz Barbosa sobre “a ação inteligente e empática do professor”,

Os poderes públicos, além de reservarem um lugar para a arte no currículo e se preocuparem como a arte é ensinada, precisam propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir arte. Sem a experiência do prazer da Arte, por parte dos professores e alunos, nenhuma teoria de Arte-Educação será reconstrutora (BARBOSA, 2007, p. 33).

Nesse contexto temos a questão da formação muitas vezes inadequada que o próprio professor tem, para um olhar sensível para entender e valorizar aquilo que é produzido pelo aluno na sala de aula.

Outra autora que discorre sobre a temática é Richter (2007), abordando as relações entre multiculturalidade e interdisciplinaridade. Segundo a autora o termo multiculturalidade se refere à pluralidade, diversidade cultural. O respeito à pluralidade.

Já o termo interdisciplinaridade se refere à relação entre uma ou mais disciplinas com a disciplina de arte. Ou seja, o ensino de arte aliado às demais disciplinas do currículo escolar.

Para Barbosa (2007), essas relações são importantes serem destacadas e discutidas. A autora nos diz que a educação multicultural envolve o desenvolvimento de competências em muitos sistemas culturais.

Também sobre multiculturalismo Moreira e Candau (2011) nos aponta que “não é possível conceber uma experiência pedagógica desculturalizada, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade” (MOREIRA;CANDAU, 2011, p. 13). Os autores mencionam ainda a escola como “um cruzamento de culturas”.

As diversas abordagens do livro **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte** partiram de inquietações acerca do ensino de arte nas escolas, de como se

ensina arte e as relações entre prática e teoria. Barbosa nos mostra as possibilidades de práticas acerca de um ensino de arte significativo.

Partindo de tais concepções relacionadas ao ensino de artes nas escolas, Ana Mae propõe mudanças no ensino de artes. A autora nos aponta as mudanças na arte-educação percebidas pelos professores, e menciona que à livre expressão, a arte acrescenta a livre interpretação.

Nesse contexto, além de todos nós sermos artistas acrescenta-se a ideia de que todos podemos compreender e usufruir da arte. Além disso, leva-se em consideração a “ênfase na relação entre o fazer, a leitura da obra de arte e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra” (BARBOSA, 2007, p. 17).

Desse modo, entendemos que para isso, faz-se necessário um saber consciente e informado para a aprendizagem em arte. Como parte integrante de tal mudança, Ana Mae destaca outros pontos relevantes:

- Influir no positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da arte (o entendimento da cultura de seu país através da sua arte); a arte como aguçadora de sentidos.
- A criatividade partindo das leituras e interpretações de obras; estimular processos criadores nos alunos.
- A necessidade da alfabetização visual; a importância da significação e os modos de recepção de uma terminada obra e seus contextos visuais relevantes.

Podemos ver nas questões apontadas por Barbosa a relação entre professor e aluno. Partindo da mediação do professor o sujeito passa a criar levando em consideração as suas próprias perspectivas. Ao criar, então, o sujeito produz conhecimento sobre o objeto, evidenciando significados provenientes de processos criativos. Sobre isso Pereira nos diz que quando o aluno,

Inventa uma determinada forma está estabelecendo um diálogo, pois utiliza uma linguagem da arte para dar forma a uma ideia que foi deflagrada pela proposta do professor... há, na criação artística do aluno uma tentativa de corresponder ao que foi pedido, mas também de revelar a si mesmo (PEREIRA, 2007, p. 12).

Ou seja, quando se cria, há uma marca pessoal, uma identidade própria e significativa. Nesse âmbito veremos no próximo capítulo mais sobre a construção da identidade do sujeito, a partir de sua produção artística em sala de aula.

2º CAPÍTULO

O ENSINO DE ARTES E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

A sala de aula pode ser um espaço para os alunos criarem soluções para diversos problemas, novos significados para preposições já existentes, assim como formular hipóteses. Tais ações permitem ao sujeito se aprofundar sobre um determinado conhecimento. Nesse sentido, é de suma importância a relação entre sujeito e conteúdo, partindo de propostas pedagógicas bem estruturadas e mediadas, como nos aponta Pereira,

Partindo de propostas pedagógicas bem estruturadas, os alunos se capacitam a criar soluções para problemas diversos, formular novas hipóteses, reinterpretar velhas proposições. Para isso é indispensável que as relações entre os sujeitos na sala de aula e os conteúdos sejam estabelecidas como maneira de aprofundar o conhecimento sobre objetos. Por isso é necessária clareza no papel do professor como autoridade, como mediador, como propositor que deflagra caminhos (PEREIRA, 2007, p. 11).

Ao criar as ações supracitadas o sujeito resgata elementos que compõem a sua base cultural, articula os seus conhecimentos acerca do mundo em que vive com professores, colegas e a sociedade que o envolve. A criação em sala de aula parte dessas articulações de saberes, como nos aponta Pereira, “os processos criativos em sala de aula são saberes historicamente construídos dentro de uma determinada cultura” (PEREIRA, 2007, p. 11).

Dentro desse contexto o significado de cultura abrange o coletivo, que se torna produto desse coletivo. O sujeito produz significados, partindo de diferentes formas de linguagens, transformando ideias em formas visuais.

Na contemporaneidade estamos repletos de informações visuais. Em cada esquina, nos transportes urbanos, nos meios de comunicação, etc. A relação que temos com tais informações está ligada diretamente à estética, ou seja, àquilo que nos agrada visualmente. Isso reflete na maneira como nos comportamos, como nos vestimos, como nos vemos e vemos o outro, está atrelada à cultura de cada indivíduo.

Os alunos podem pertencer a diferentes tipos de culturas, diferentes realidades. Partindo desse pressuposto, suas identidades são diversificadas. Pereira

nos afirma que “quando estão em sala de aula os alunos não abandonam essas confluências, mas as utilizam como forma de atribuir sentido ao conhecimento” (PEREIRA, 2007, p. 12). A concepção de cultura abrange toda uma produção simbólica de uma determinada sociedade, de um determinado grupo, cujos interesses e vivências são permeados por coisas em comum. Mas vale dizer que tudo isso parte de relações entre os sujeitos, e por isso, se modifica.

Ao falarmos sobre cultura e entendendo como produção de signos, podemos dizer que a arte é parte da cultura produzida. Sobre isso, Pereira nos afirma que,

A arte é parte material da cultura. Está submetida ao conjunto de valores sociais criado em torno de fazeres cotidiano. Sendo assim, o artista se vale da matéria prima que lhe impregna as concepções sobre si e sobre o outro. A arte cria sentido para ler o cotidiano, apresentam maneiras de superar o comum [...] Ao criar uma obra, o artista se vale da matéria construída socialmente [...] Criar uma obra de arte vai além da utilização da linguagem (desenho, pintura, escultura), vai além do domínio técnico, porque criar uma forma demanda reflexão, conhecimento sobre o objeto, além disso, a obra de arte comunica ideias (PEREIRA, 2007, p. 8-9).

Um artista se apropria de suas experiências ligadas às relações sociais. Assim, quando se cria algo o artista se apropria de sua base cultural. Muito dessa cultura é reflexo dos símbolos e signos com os qual somos bombardeados diariamente. Vivemos em uma época cuja informação chega em segundos até nós. Temos propagandas, revistas, livros, programas de televisão, placas de trânsito, ou seja, um montante de apelos visuais que sem dúvida servem para informar algo. Essas formas, como nos aponta Pereira (2007), são maneiras de interpretar o mundo, ou seja, toda imagem passa por uma interpretação, seja ela pessoal ou coletiva. A partir de interpretações são construídas concepções, acerca daquilo que está sendo visto.

Temos o desenho como uma representação gráfica (ou mais) daquilo que imaginamos. Por meio do desenho a criança é capaz de se expressar de diversas maneiras o que sente, o que vivencia em seu dia a dia. Expressa os seus anseios, as suas conquistas, seus sonhos, enfim, a partir do grafismo infantil podemos observar o que a criança pensa. Seria então a Arte uma forma de comunicação? Uma linguagem? A Arte consiste em maneiras de se expressar, de ver o mundo e interpretá-lo. Consiste na criação a partir do imaginário, ou a partir de algo concreto.

A criança desde cedo aprende a brincar com as coisas que estão a sua volta. Absorve cores, sons, manuseia e observa objetos e antes de escrever produz suas garatujas sobre aquilo que ela vê. Um simples rabisco pode se tornar algo surpreendente na perspectiva da criança que o fez. A partir dos traços iniciais a criança é capaz de criar histórias, construir personagens e até mesmo expressar algo. Daí surge o papel do professor como observador, e para isso é preciso sensibilidade para identificar o que pode parecer abstrato em um determinado trabalho artístico. Ao criar o aluno produz conhecimento sobre o objeto, evidenciando significados provenientes de processos criativos, segundo Pereira,

Quando um aluno inventa uma determinada forma está estabelecendo um diálogo, pois utiliza uma linguagem da arte para dar forma a uma ideia que foi deflagrada pela proposta do professor [...] há na criação artística do aluno uma tentativa de corresponder ao que foi pedido, mas também de revelar a si mesmo (PEREIRA, 2007, p. 12).

Ou seja, a criação parte de elementos retirados do cotidiano, das interações diversificadas, das trocas entre pares e também da relação entre professor e aluno. O professor tem o papel de avaliador do processo criativo na sala de aula, intermediando, apontando caminhos, trocando experiências, enfim, possibilitando uma autocrítica sobre o objeto produzido. A criança que se expressa naturalmente exprime melhor as suas ideias.

Nesse âmbito podemos citar a auto-expressão como maneira de se revelar sobre o trabalho. Durante o processo criativo muitas crianças passam a imitar o trabalho de outra, ou até mesmo imitar uma postura do professor. Nesse caso a criança pode tornar-se dependente no raciocínio e subordinar a sua criatividade a do outro. Sobre isso, Lowenfeld nos afirma,

A criança que se expressa de acordo com o seu nível é encorajada em seu próprio pensamento independente e exprime as suas ideias, suas reflexões, por seus próprios meios. A criança que imita pode tornar-se dependente no raciocínio e subordinar suas ideias e a expressão destas as de outrem. Se a criança que imita não pode dar expressão as suas reflexões, sua dependência dos outros pode levá-la ao malogro. A criança inibida, contraída, mais acostumada à imitação do que a auto-expressão, apoia-se nos pais, nos professores ou nos companheiros, para receber orientação. A arte através da auto-expressão, pode desenvolver o eu como ingrediente da experiência. Como quase todos os distúrbios emocionais ou

mentais estão vinculados à falta de confiança, é fácil perceber como a estimulação adequada da capacidade criadora da criança pode fornecer salvaguarda contra tais distúrbios (LOWENFELD; BRITTAİN, 1977, p.30).

Nesse sentido, podemos observar que cada sujeito tem a sua maneira de se expressar, de acordo com a sua capacidade de criação. Lawenfeld e Brittain (1977) atribui isso à auto-expressão, mas ao mesmo tempo menciona a questão da cópia na produção artística, ou seja, a reprodução. Vejamos, nesse ponto, certa crítica à orientação no processo de criação, diferentemente de outros autores já mencionados, cujo processo de criação passa sim por uma orientação. Nesse momento vemos também a questão da identidade a partir da criação, da produção artística.

Segundo o referido autor, tal relação mencionada reflete diretamente na questão da confiança de cada indivíduo, uma vez que inibido a criar, ele passaria a se expressar de maneira cada vez mais contida. Dessa maneira a construção da identidade de um determinado sujeito passa a não ter tanta relevância, no sentido de identificação com o que ele produz, e com o que o outro produz.

Contextualizando ainda mais a questão da identidade Moreira e Candau menciona que “a identidade expressa, nesse caso, aquilo que somos. Contudo, aprendemos que somos em meio às relações que estabelecemos, tanto com os nossos semelhantes quanto com os que diferem de nós” (MOREIRA; CANDAU, 2011, p. 41).

Nessa perspectiva, vemos que a construção da identidade do sujeito não se faz apenas nas diferenças, mas também nas coisas em comum. Isso se dá também na questão de que somos seres inacabados, sempre em construção. Sendo assim nossa identidade não é fixa, estável. Contudo, logo é inacabada, em construção, muitas vezes dependente do outro, da existência do outro, da produção do outro, do outro olhar. Seria assim uma relação, um processo de produção. A arte é produção cultural, construção cultural.

No terceiro e último capítulo, trazemos nossa experiência com o ensino de artes na escola de Educação Básica – UFPB e a análise de desenhos produzidos durante essa experiência.

3º CAPÍTULO

EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTES

Durante o período letivo do ano de 2012 foram realizados trabalhos artísticos no qual as crianças de quatro a onze anos puderam participar de maneira criativa. Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos os alunos puderam criar as suas próprias produções artísticas, que possibilitou maior confiança acerca de seus valores, de suas competências, coletividade e autoestima.

Os trabalhos foram diversos, partindo do desenho inicial (lápis grafite) e passando por pintura, escultura, modelagem, colagem, expressão corporal, gravuras, todos produzidos pelas próprias crianças. Vale ressaltar o aproveitamento de temas, tais como festas folclóricas, festividades, e sugestões das professoras e professores. Durante a produção dos trabalhos, contamos com a ajuda dos(as) profissionais da escola, que sempre quando solicitados acompanharam, contribuíram e participaram das atividades artísticas.

No decorrer do estágio como bolsista do programa PROLICEM da UFPB no ano de 2012, na Escola de Educação Básica da UFPB, pudemos atuar como professor de artes visuais na escola, uma vez que, nesse período havia ausência de um professor da área. Ao nos deparar com o trabalho a ser feito com as crianças tivemos a oportunidade de por em prática os nossos questionamentos acerca do ensino de artes.

Sabemos que o ensino de artes nas escolas, na maioria das vezes, ocorre no sentido ocupacional, ou seja, apenas como momentos de relaxamento, ou aproveitando alguma data especial, algum festejo. Bem, sempre tivemos a arte como algo natural, possivelmente por eu ser artista visual autodidata.

Nesse sentido, vimos através da arte uma forma de expressão. Sempre vimos no desenho uma maneira de nos sociabilizar com outras pessoas, com o mundo. Essa aceitação como “artista mirim” não foi fácil, mas ao mesmo tempo soubemos utilizar o desenho como forma de brincadeira. Sobre tal importância em relação ao desenho, Derdyk nos fala que,

Geralmente entendemos o desenho como coisa de “lápis e papel”, como esboço ou croqui subordinado à explicação de alguma ideia, à

representação de algum objeto. Para ampliar nossa concepção de desenho é necessário reavivar nossa memória individual e coletiva, a fim de fazer uma revisão dos caminhos do desenho na história do homem. Com isso estaremos revitalizando conceitos, investigando as várias formas de atividades em que o desenho se manifesta. Através de uma compreensão global de sua história, percebemos uma carga de significação mais ampla do que um simples manejo de lápis sobre um papel em branco (DERDYK, 1994, p. 26).

Nessa perspectiva citada por Derdyk temos o desenho numa forma mais ampla, com mais significados, tanto pessoais quanto coletivos, sobre o que é produzido. Sendo assim, há no desenho intencionalidades que vão além do que se vê. Há uma ideologia, uma construção de conhecimento.

Bem, nos anos escolares sempre vimos nas disciplinas de artes às aulas sem muito significado. Eram trabalhos repetitivos. Procedimentos como colorir desenhos já prontos, mimeografados e seguindo sempre os mesmos padrões de cores. Para conferir a estética proposta pelo professor, era impossível ultrapassar os contornos do desenho. Ao mesmo tempo em que desenhava com naturalidade, víamos em muitas outras crianças uma enorme dificuldade em se expressar através do desenho, e isso lhes causava grandes frustrações. O modelo de padrão, nesse caso, se impregnava no âmbito educacional.

A partir dessa breve reflexão sobre esses acontecimentos pessoais nos deparamos com o desafio de assumir uma sala de aula, com crianças e como professor de artes. Ora, o destino nos pareceu assombroso na sua generosidade. Fomos então pesquisar, buscar referências sobre arte educação, e encontrar um livro chamado O Desenvolvimento da Capacidade Criadora², de Lowrenfeld e Brittain (1977), entre outros.

Durante os estudos pudemos notar a preocupação já existente à algum tempo acerca do ensino de arte nas escolas. Já sobre o preparo metodológico e teórico, Freire nos diz que,

O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de

² LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977

educador assuma indispensável pensar certo não é presente dos deuses que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o nem se acha nos guias de professores pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 1996, p.38-39).

Ora, seria o estágio a melhor maneira de colocar em prática o que vemos em sala de aula. Teoria e prática, nesse sentido, se fizeram presente logo no início do curso de pedagogia, possibilitando, nesse sentido, mais clareza acerca do papel que o professor deve assumir em sala de aula.

Durante o estágio assumimos as turmas do Pré II, I ano e IV ano. Começam os trabalhos e as relações com as crianças também. Ao nos apresentar na primeira turma, a do I ano, fizemos a seguinte indagação: o quê é arte para vocês? E as crianças responderam, quase que todas ao mesmo tempo, e surgiram diversas respostas: arte é desenhar; arte é pintar; arte é um monte de coisa que a gente faz. Por aí se foi criando um primeiro contato com as crianças, a fim de se quebrar um “gelo” que há quando um novo professor se apresenta.

Foi proposto para as crianças que elas desenhassem algo de muita importância para elas, e logo em seguida muitas dessas crianças diziam que não sabiam desenhar, que não conseguiam e tudo mais. Aos poucos explicamos a elas que cada um tinha o seu próprio jeito de desenhar, assim como que cada um tinha o seu jeito de se expressar, de falar, e aos poucos as crianças foram ganhando confiança.

Durante a aula, nos chamou bastante a atenção o desenho do aluno Pedro, de 6 anos. Pedro desenhou algumas ruas com vários carros passando, assim como ônibus. Um desenho³ bastante expressivo, tendo em vista a tática proposta. Vale Ressaltar que utilizamos nome fictício para assim preservarmos a identidade do aluno.

Já durante as aulas na turma do Pré II, cujas crianças tinham 5 anos, presenciamos algumas situações bem interessantes em relação à arte educação. Isto é, presenciamos que as crianças durante as atividades artísticas se rivalizavam entre si, para ver quem fazia o melhor desenho, ou então quem pintava melhor. Havia um grande individualismo, nesse sentido.

³ Trazemos o desenho nas análises.

Em um determinado momento, presenciamos uma criança “denunciando” a outra para a professora, dizendo que não estava usando a cor correta demarcada no desenho. Isso mesmo! Alguns desenhos já vinham com a cor certa para serem pintados. Vimos naquele momento questões relacionadas ao tradicionalismo, ou seja, um modelo educacional tradicional, no qual o aluno apenas recebia a informação e executava o que lhe era pedido, à maneira da professora.

Nesse caso a pedagogia tradicional se faz presente. A esse respeito, Ferraz e Fusari nos afirmam que,

Na pedagogia tradicional o processo de aquisição dos conhecimentos é proposto através de elaborações intelectuais e com base nos modelos de pensamento desenvolvidos pelos adultos, tais como análise lógica, abstrata. Na prática, a aplicação de tais ideias reduz-se a um ensino mecanizado, desvinculado dos aspectos do cotidiano, e com ênfase exclusivamente no professor, que passa para os alunos informações consideradas verdades absolutas[...] Nas aulas de Arte nas escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estética mimética, ou seja, mais ligadas à cópia do natural e com a apresentação de modelos para os alunos imitarem (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 25).

Podemos ver que a pedagogia tradicionalista ainda se faz presente em algumas práticas em sala de aula. A repetição, a cópia, a produção que parte de um modelo exato, inibem o processo criativo, a exploração por parte do aluno a um fazer mais artístico, uma produção intrapessoal. O que se vê nesse sentido seria a questão do sentimento deixada de lado, ou adiada.

Naquele dia, a inquietação nos acompanhou e, assim, saímos da escola. Na semana seguinte, voltamos para a escola determinados a trabalhar com as crianças a questão da expressividade. Ao desenvolver o trabalho para a turma do Pré II focamos na quebra com o que vinha sendo trabalhado, com aquilo que havia nos incomodado em relação aos processos criativos dos alunos em sala de aula. Aos poucos fomos propondo aos alunos um trabalho mais pessoal, ou seja, possibilitando a cada criança que criasse a partir de suas perspectivas, seus sentimentos, suas maneiras. Sobre isso Barbosa nos afirma que,

A arte educação como expressão pessoal e com cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo

analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2007, p. 18).

Nossa compreensão a partir do que a autora nos diz é que devemos possibilitar ao aluno o entendimento de que ele é capaz de formular suas próprias hipóteses, como também, que ele é capaz de desenvolver o seu próprio objeto.

Nesse sentido, buscamos referências em Pereira (2007), Barbosa (2007), Derdyk (1994) e Lowrenfeld e Brittain (1977) para assim realizar um trabalho mais fundamentado junto às crianças. Trabalho fundamentado em ideias e práticas libertadoras, no sentido de transformar a sala de aula num ambiente propício à criação dos alunos. Tais referências supracitadas trouxeram à prática em sala de aula justamente a base teórica para que o trabalho com os alunos pudesse ser realizado de maneira fluidora, de forma contínua e livre de improvisações. A esse respeito, Barbosa nos afirma,

A chamada livre-expressão, praticada por um professor realmente expressionista ainda é uma alternativa melhor [...] mas sabemos que o espontaneísmo apenas não basta, pois mundo de hoje e a arte de hoje exigem um leitor informado e um produtor consciente. A falta de uma preparação de pessoal para entender Arte antes de ensiná-la é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade (BARBOSA, 2007, p. 15).

Nesse caso, aproveitamos as experiências como artista visual, e assim, utilizamos como foco a expressão de cada um, possibilitando assim que cada aluno e aluna trouxessem a sua identidade, a sua maneira, as suas cores, uma vez que tais alunos e alunas tinham em sala de aula desenhos já demarcados para pintarem, todos na mesma cor, na mesma forma. Para a análise dos trabalhos escolhemos alguns desenhos dos respectivos alunos: Maria, Júlia e Luís. Todos os nomes são fictícios.

A partir das análises desses desenhos pudemos observar que os alunos se expressavam mais, exploravam novas cores, trocavam informações acerca do trabalho do outro, havendo assim, uma troca mútua em relação a conhecimentos e experiências. A partir dessa proposta, as aulas de arte passaram a ser mais dinâmicas, num ambiente propício à criatividade, à expressividade das crianças. Logo, a professora responsável pela turma reconheceu a importância desenvolvida no trabalho com as crianças, e foi participando, gradativamente das aulas.

Tivemos, nesse contexto, as questões ligadas à prática docente, ou seja, um momento de reflexão acerca do que era praticado em sala de aula. Também foi possível colocar em prática muito do que foi apresentado teoricamente durante os três primeiros períodos do curso de pedagogia da UFPB, valendo ressaltar novamente as experiências como artista plástico, que possibilitou uma maior sensibilidade sobre os trabalhos produzidos. O contato com o ambiente escolar fez abrir um leque de novas perspectivas relacionadas à arte educação, à profissão docente.

Contudo, o contato direto e a interação no ambiente escolar possibilitou um aprendizado em termos qualitativos, de que podemos sim, ter um ensino de artes nas escolas de maneira participativa, criadora e dinâmica.

De acordo com Pereira (2007) a sala de aula pode ser um espaço para que os alunos possam criar soluções para diversos problemas, criar novos significados para proposições já existentes. Tais informações proporcionam ao sujeito se aprofundar sobre um determinado conhecimento, sobre um determinado objeto. Portanto, é de suma importância a relação entre sujeito e conteúdo, partindo de propostas pedagógicas bem estruturadas e mediadas.

Ao final do período letivo houve uma apresentação dos trabalhos realizados pelos bolsistas na Escola de Educação Básica, e durante a apresentação, mostramos os resultados adquiridos durante as aulas. O tema do trabalho foi A IMPORTÂNCIA DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O ENSINO DA ARTE NA PERSPECTIVA DO PROCESSO DA CRIATIVIDADE INFANTIL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UFPB.

Assinalamos que o trabalho teve como direcionamento o ensino das artes na escola, não somente considerando fatores técnicos e estéticos, mas também viabilizando a linha da criatividade e autoexpressão infantil.

Nosso principal objetivo foi à busca pela livre expressividade das crianças, através de trabalhos artísticos, tais como: desenhos, pinturas, esculturas e outros suportes. Nesse contexto, observamos os processos que levaram as crianças a criarem a partir de suas próprias concepções de mundo.

Vejam os a seguir, uma breve análise, de dois desenhos criados pelo menino Pedro, como já falamos anteriormente, adotamos esse nome fictício para mantermos a identidade da criança.

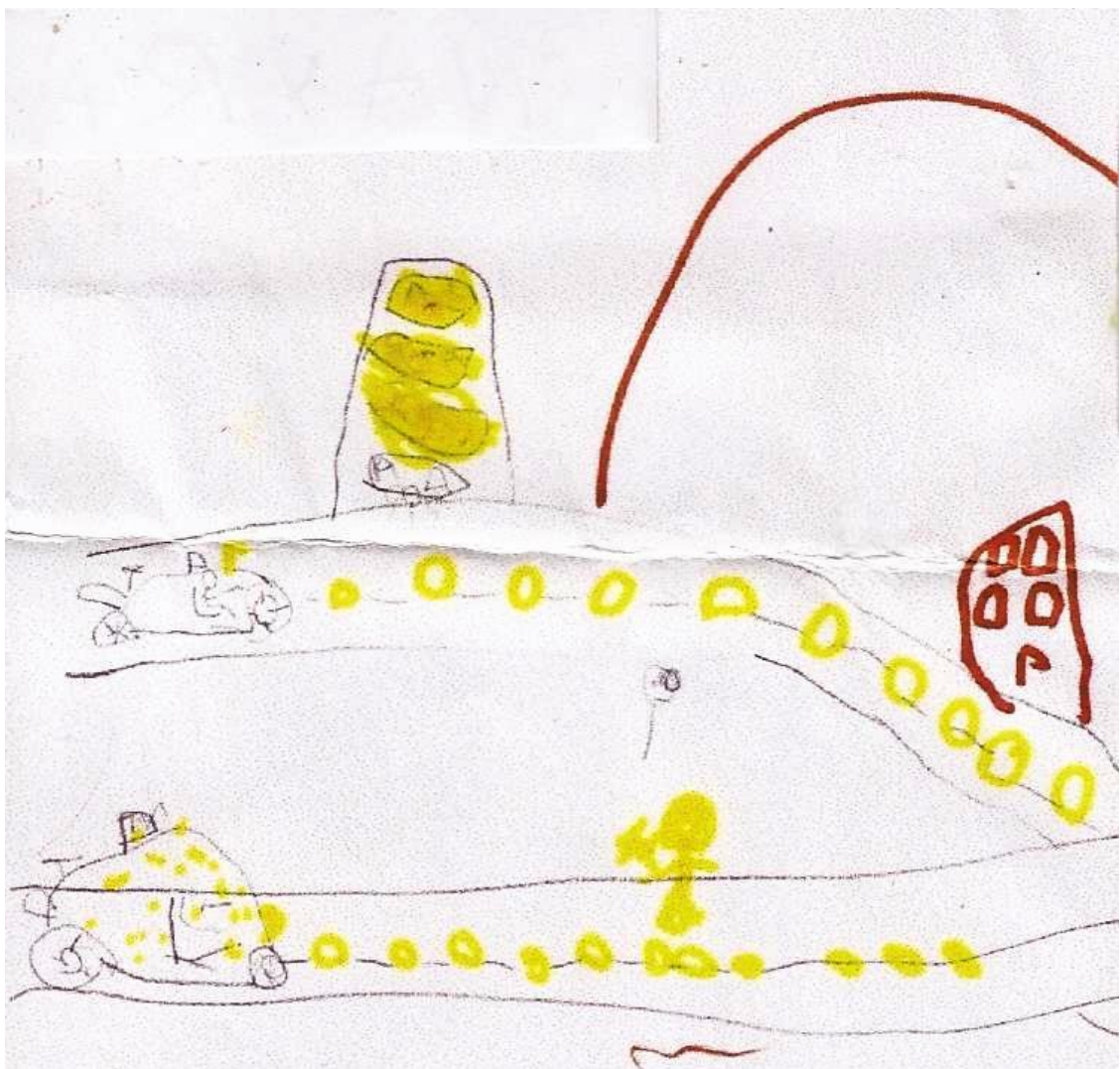
3.1. BREVE ANÁLISE DOS DESENHOS

“O desenho é brincadeira, é experimentação, é vivência.” Edith Derdyk

Para Derdyk (1994), a criança tem o desenho como grande palco de seu universo íntimo, pois, partir dele, a criança desempenha todas as personagens, inventando regras que ela mesma se encarrega de subverter, como também, mantém uma relação de propriedade com seus rabiscos.

A partir do que nos diz a supracitada autora falaremos, mesmo que forma sucinta, o que identificamos nos desenhos de Pedro. Trazemos a seguir as criações de Pedro.

Figura 1 - DESENHO DO ALUNO PEDRO DE 6 ANOS



Podemos observar elementos bastante significativos em um contexto social, por exemplo. As ruas, casas, carros, são elementos bastantes presentes num contexto urbano. Mas o que mais nos chamou a atenção foi à relação de Pedro com o seu trabalho. Para ele, a nosso ver, pouco importava se ele sabia desenhar ou não, ele simplesmente desenhava, a sua maneira, se debruçava sobre a carteira e fazia daquilo um momento particular.

Em quase todas as aulas, com os mais variados temas, Pedro desenhava o mesmo tipo de situação. Durante algum tempo foi percebido, juntamente com professora em sala que Pedro conversava pouco com os seus colegas e na, maioria das vezes, brincava só, sempre com carros de brinquedos.

Figura 2 - DESENHO DO ALUNO PEDRO DE 6 ANOS



Pedro consegue passar para o papel, de maneira expressiva as suas vivências, à sua maneira e à sua capacidade criadora, uma situação de suma relevância, tanto emocional quanto cultural, em forma de linguagem. Cria-se, a partir daí um legítimo reconhecimento de uma identidade própria, através do desenho aliado às situações vividas pelo aluno.

Depois de passados algum período do ano letivo tivemos a oportunidade de conhecer o pai de Pedro, e, foi a partir daí que compreendemos de onde vem à relação dele com seus desenhos. O pai de Pedro é motorista de ônibus. Logo, verificamos em seus desenhos uma identificação com o seu pai, com a sua família, com o seu meio.

Nesse contexto verificamos também a questão da afetividade, pois ele mostra um sentimento por aquilo que faz parte das suas vivências. Pedro não copiava não se espelhava no trabalho de outro colega. Ele se expressava livremente, e sempre quando tinha alguma proposta a ser desenvolvida, fazia questão de deixar a sua “marca” nos desenhos. Sobre tais questões, pereira nos fala que,

Essa maneira de criar se relaciona não a como a criança percebe o mundo, mas de que forma faz dessa leitura a sua maneira gráfica de revelá-lo na imagem [...] A criação de imagens envolve tanto o conhecimento do sujeito sobre si, sobre a sua cultura, quanto sobre a linguagem. A imagem criada pela criança diferencia-se da imagem criada por jovens ou adultos, pois a maneira de construir hipóteses para as formas se modifica à medida que a pessoa amplia o repertório imagético e experiência linguagens (PEREIRA, 2007, p. 20).

A partir das breves análises constatamos que o aluno Pedro fez uso de suas vivências, identificando - se com o seu meio familiar. Sabemos que muito pode ser compreendido através das produções artísticas em sala de aula e, por isso, temos em seus desenhos uma riqueza em relação ao que foi produzido.

Durante as aulas na turma do Pré II tivemos momentos de bastante expressividade por parte das crianças. Partindo do relato acerca dos trabalhos, tivemos um rompimento com o que vinha sendo trabalhado durante as aulas de arte. Trabalho que foi visto como tradicionalista baseado em cópias.

Nesse sentido, exploramos a expressividade das crianças, buscando o desenvolvimento da capacidade criadora de cada indivíduo. Os trabalhos artísticos

de cada criança foram ganhando mais cores, formas, mais legitimidade em relação à identidade das crianças.

Apresentaremos a seguir algumas criações das alunas Maria e Júlia e do aluno Luis, todos com 5 anos de idade. Conforme informamos anteriormente, os nomes das crianças são fictícios para mantermos o anonimato delas.

Figura 3 - DESENHO DA ALUNA MARIA DE 5 ANOS



Figura 4 - DESENHO DA ALUNA MARIA DE 5 ANOS

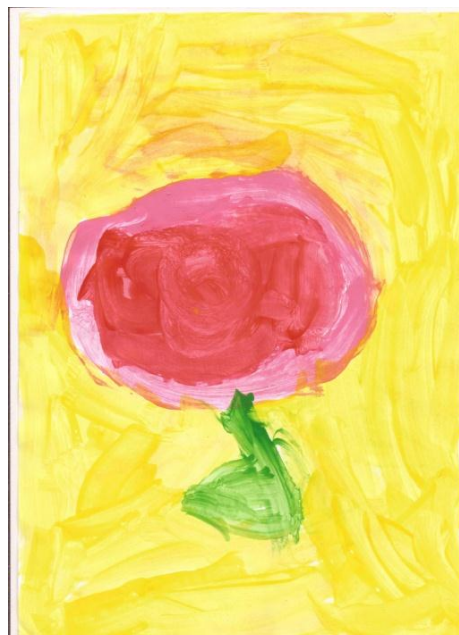


Figura 5 - DESENHO DO ALUNO LUÍS DE 5 ANOS



Figura 6 - DESENHO DO ALUNO LUÍS DE 5 ANOS



Figura 7 - DESENHO DA ALUNA JÚLIA DE 5 ANOS



A partir dos trabalhos artísticos realizados em sala de aula é possível desenvolver a capacidade criadora de cada indivíduo, ou seja, um trabalho desenvolvido a partir da perspectiva da criação e não meramente da reprodução, é possível alcançar um trabalho significativo no ensino de artes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nosso trabalho de conclusão de curso partindo da problemática da visão do ensino de artes na sala de aula apenas como reprodução. A partir dos pressupostos da arte-educação, tivemos como objetivo a contribuição do ensino de arte de forma significativa, a partir da construção da identidade do sujeito. A respectiva temática surgiu logo no início do curso de pedagogia, em 2011, tendo início a pesquisa e experiência acerca do tema em questão logo no ano seguinte, como estagiário na Escola de Educação Básica da UFPB, atuando como bolsista do PROLICEN.

Inicialmente acreditávamos que haveria lacunas no que se refere ao ensino de artes na sala de aula, tendo em vista a falta de formação de muitos professores, em relação criatividade do aluno, da auto-expressão de cada indivíduo e da atuação de alguns professores de forma tradicionalista.

Todavia, as descobertas que fizemos *in loco* em relação ao ensino de arte nos levaram à pesquisa teórica de autores cuja linha de estudos seria o mesmo tema, nos possibilitando maior reflexão sobre a prática pedagógica, além de como trabalhar de maneira direcionada para um ensino de artes significativo, estimulando o processo criativo como eixo primordial para o desenvolvimento da expressividade. A partir disso, surgiram prática e teoria, indispensáveis para a formação do professor.

Na perspectiva dos autores citados durante esse trabalho pudemos compreender melhor o papel da arte-educação na escola, no papel do professor frente aos desafios do ensino de arte e de como podemos trabalhar tal disciplina de maneira significativa.

Finalmente constatamos que a arte-educação tem como pressuposto formar sujeitos mais autônomos, críticos e criativos, levando em consideração as suas produções artísticas na sala de aula.

Desse modo, subtede-se a arte-educação como disciplina integrada ao currículo escolar, mas não apenas como passatempo, ou festejos de época, e sim, a arte-educação como ferramenta para a formação do sujeito como produtor de seu conhecimento. Ou seja, a arte tem um papel de suma importância na formação cultural, sensível e também na construção da identidade do sujeito.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9.394, MEC. BRASIL.**

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Ed Scipione, 1994.

FERRAZ, M^a Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, M^a F. de Rezende. **Arte na educação escolar**. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs). **Multiculturalismo: diferenças culturais e prática pedagógica**. 7º Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PEREIRA, Kátia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.